

Educação, TDIC e Saúde no Cenário de Pandemia: Relato de Experiência a partir de um Estágio Docente no Ensino Superior

Education, TDIC and Health in the Pandemic Scenario: Experience Report from a Teaching Internship in Higher Education

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i1.1706

Marcelle Bittencourt Xavier ^{1*}
Adilson Ventura¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Estr. Bem Querer, Km-04 - 3293, 3391 - Vitória da Conquista-BA - Brasil.

*bittencourt.marcelle@gmail.com

Resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência nas atividades da disciplina Tirocínio Docente, do curso de Doutorado em Linguística, de uma Instituição de Ensino Superior, da rede pública do Estado da Bahia. O Estágio Docente se deu no primeiro semestre letivo do ano de 2021, período este marcado pela pandemia associada à COVID-19, no qual foram implementadas medidas restritivas, seguindo as recomendações nacionais e internacionais de segurança sanitária e de proteção humanitária, a fim de combater a propagação do novo coronavírus. Dentre elas, além do isolamento físico, houve a suspensão de aulas presenciais nas universidades bem como nas escolas. Com o fechamento destes locais, a preocupação precípua foi manter as aulas, assim, recorreu-se à modalidade de ensino remoto emergencial. Neste cenário, os professores e alunos experimentaram significativas mudanças que se deram subitamente no processo de ensino-aprendizagem. Uma delas foi o enfrentamento de desafios no que tange às etapas de observação, de planejamento e da prática pedagógica durante o estágio supervisionado, como podemos citar, o distanciamento físico entre alunos e professor. Por isso, neste período que denominaremos de “novo normal” em que buscamos a reorganização social, como resultados, de modo a preservar a troca de conhecimentos aliada à boa interação entre professor, estagiária e discentes, foi favorável o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), das plataformas virtuais de aprendizagem e das redes sociais, no sentido de contribuir com a formação de pessoas autônomas, críticas e criativas. Por outro lado, houve uma relação desigual de seu uso.

Palavras-chave: Educação online. Tecnologias digitais. Pandemia. Saúde.



Recebido 18/11/2021
Aceito 17/05/2022
Publicado 18/05/2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: FAXAVIER, M. B. ; VENTURA, A. Educação, TDIC e Saúde no Cenário de Pandemia: Relato de Experiência a partir de um Estágio Docente no Ensino Superior. **EaD em Foco**, v. 12, n. 1, e1706, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i1.1706>

Education, TDIC and Health in the Pandemic Scenario: Experience Report from a Teaching Internship in Higher Education

Abstract

This article is about an experience report in the activities of the Tirocínio Docente discipline, of the Doctorate in Linguistics course, of a Higher Education Institution, of the public network of the State of Bahia. The Teaching Internship took place in the first semester of 2021, a period marked by the pandemic associated with COVID-19, in which restrictive measures were implemented, following national and international recommendations on sanitary security and humanitarian protection, in order to combat the spread of the new coronavirus. Among them, in addition to physical isolation, there was the suspension of face-to-face classes at universities as well as schools. With the closing of these places, the main concern was to keep the classes, thus, we resorted to the modality of emergency remote teaching. In this scenario, teachers and students experienced significant changes that took place suddenly in the teaching-learning process. One of them was facing challenges regarding the stages of observation, planning and pedagogical practice during the supervised internship, as we can mention, the physical distance between students and teacher. Therefore, in this period, which we will call the "new normal", in which we seek social reorganization, as a result, in order to preserve the exchange of knowledge combined with good interaction between professor, intern and students, the use of Digital Information Technologies was favorable. and Communication (TDIC), of virtual learning platforms and social networks, in order to contribute to the formation of autonomous, critical and creative people. On the other hand, there was an unequal relationship of its use.

Keywords: Online education. Digital technologies. Pandemic. Health.

1. Considerações iniciais

Ao nos depararmos com o dia "11", as nossas memórias históricas nos levam para dois grandes episódios que pararam o mundo por um tempo, sendo necessária uma reorganização social, para voltar ao "novo normal", se é que podemos dizer que isso foi possível: Em 11 de setembro de 2001, dezenove terroristas sequestraram quatro aviões comerciais americanos, como os voos 11 e 175, que colidiram nas "torres gêmeas" do *World Trade Center*, em Nova Iorque, levando-as à queda e dos seus 110 andares, resultando na morte de 2.977 pessoas (cf. BBC NEWS, 2021, p. 1). Esse atentado internacional parou os voos comerciais, os passeios turísticos, as escolas e muitos serviços essenciais. Quase duas décadas após esse trauma, o dia 11 de março de 2020 registrou o pronunciamento da Organização Mundial de Saúde sobre a pandemia causada pela COVID-19, uma doença provocada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Assim, países de todo o mundo adotaram medidas restritivas para que o vírus não se espalhasse com tanta rapidez na sociedade, dentre elas: o distanciamento físico; a obrigatoriedade do uso de máscaras por crianças, adolescentes, adultos e idosos em locais de acesso público; a recomendação do uso de álcool gel para a higienização das mãos; a suspensão de aulas presenciais nas escolas e nas universidades; e o fechamento parcial ou total do comércio.

Em pouco tempo, milhões de pessoas estavam afetadas pelo vírus e o quadro de saúde nem sempre era reversível. Com esse cenário, a vacinação em massa foi a forma mais eficaz, comprovada cientificamente, para contribuir com a imunidade da sociedade, que ganharia maior resistência frente aos impactos da infecção pelos vírus. Até o momento, mesmo com tantas vacinações realizadas, o uso de máscaras e o isolamento físico, alguns casos de contaminação são registrados bem como mais vítimas têm morrido em decorrência desta crise pandêmica.

Por isso, as aulas se deram de forma remota por longos meses. Alunos e professores precisaram se reinventar neste novo modelo do sistema de educação, em que as salas e/ou os quartos de suas residências se revelaram como as opções de apoio às “salas de aulas virtuais”. A interação entre professor e aluno também mudou. Nem todas as metodologias de ensino utilizadas antes da pandemia serviram mais.

Neste ínterim, no dia 11 de agosto de 2021, florescia em Navegantes – SC, mais precisamente em Gravatá, na Escola Municipal Professora Ilka Müller de Mello, o livro intitulado *Poemas de Quarentena*, o qual foi editado por Roscler Castellain Andrade de Souza, professora de Língua Portuguesa e revisado por ela e pelo professor Volmar Adriano Júnior. Os poemas contidos no livro foram criados pelos alunos para expressarem seus sentimentos no atual cenário de pandemia, com a temática livre. O aluno Raphael Starski Souza da Silva do 8º ano 01, por exemplo, criou o poema *Quarentena*. Vejamos alguns dos seus versos: “Estou em casa de quarentena / Para minha saúde não ter problema / Um vírus está no ar / E na rua não posso andar // Estudo em casa no computador / As atividades que a Profe Rô passa com amor / Estou com saudades da escola / Dos meus amigos e de jogar bola” (SILVA, 2020, p. 8).

Não somente no poema de Raphael, mas também nas estrofes que estão reunidas no compilado, escritas a partir das narrativas de vida de outros(as) alunos(as), nos trazem uma reflexão do quão difícil tem sido este processo de (re)invenção em uma fase compartilhada entre alunos e professores de todo o mundo. Primeiro, ele fala do isolamento pelo qual tem passado devido à preocupação prioritária de garantir sua saúde, depois segue narrando sobre a modalidade de ensino remoto e da saudade da rotina escolar presencial. Este clamor de voltar à dita “normalidade” com as aulas regulares nas escolas é um anseio do “Raphael”, da “Maria”, do “Joãozinho”, da “Alice”, do “Pedro”, do “Carlinhos” e de tantos outros(as) alunos(as) e professores(as), desde que aconteça de forma totalmente segura.

2. Saúde em tempos de pandemia

Como discutimos, desde o ano de 2020, o Brasil e o restante do mundo enfrentam uma pandemia que afetou drasticamente a vida cotidiana, levando à morte de mais de 6 milhões¹ dos habitantes espalhados pelos cinco continentes. A crise pandêmica já resultou em 661.258 óbitos² acumulados no Brasil, associados às complicações da COVID-19³.

Por essa razão, foram implementadas diversas medidas restritivas, seguindo as recomendações nacionais e internacionais de segurança sanitária e de proteção humanitária, a fim de combater a propagação do novo coronavírus. Dentre elas, além do isolamento físico, com a suspensão de aulas presenciais nas universidades e nas escolas, a preocupação precípua foi manter as aulas, por meio do ensino remoto emergencial.

Por isso, alunas e alunos foram alfabetizados em suas casas de maneira *on-line*. Aulas de banca aconteceram com uma interação via videoconferência. Muitos professores sofreram adoecimentos não somente pela contaminação com o coronavírus, mas também atrelados à sobrecarga de trabalhos em “casa”, aos

1 Dado atualizado até 07 mar. 2022, às 07h38 (FIGUEIREDO, 2022).

2 Dado atualizado até 10 abr. 2022, às 19h43 (BRASIL, 2022).

3 Doença causada pelo SARS-CoV-2, um novo tipo de coronavírus que se propaga de indivíduo para indivíduo, por meio de gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, contato pessoal próximo realizado por aperto ou pelo toque de mãos, contato com objetos e superfícies contaminadas que tiveram contato com boca/olhos/nariz (BRASIL, 2021a).

(des)ajustes repentinos na prática pedagógica e a outros fatores, levando-os ao esgotamento e sofrimento físico e mental. Suas casas que antes eram como um refúgio para o descanso, o lazer e a interação familiar, agora tornou-se um espaço profissional.

Muitas são os estudos que têm tratado sobre o adoecimento de professores, mesmo antes da pandemia, como os de Andrade e Cardoso (2012), Diehl e Marin (2016) e Tostes *et al.* (2018). Nestes estudos foram registradas as mudanças comportamentais e emocionais que muitos educadores brasileiros têm passado durante a prática docente, alcançando os limites da psicopatologia e do adoecimento, com diagnósticos leves a severos de ansiedade, estresse e síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional⁴.

De acordo com levantamento feito pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), citado por Pereira, Santos e Manenti, a classe docente estaria em segundo lugar no *ranking* das categorias profissionais que mais portam doenças de caráter ocupacional, em nível mundial, considerando o período desde o ano de 1983. As principais doenças incluem reações alérgicas, gastrite, distúrbios vocais e esquizofrenia (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020, p. 28).

Esses adoecimentos podem estar associados a dois fatores elementares, como à falta ou diminuição de tempo livre para outras atividades voltadas para o lazer (que não sejam profissionais) e a realização do trabalho docente em condições de estresse (GÔUVEA, 2016, p. 208).

Para Pereira, Santos e Manenti (2020), com a pandemia, o quadro de adoecimento foi acentuado e um dos motivos tem ligação à “reinvenção docente” que se fez necessária. Pois, implicou em um novo modo de educar, remoto, no entanto, sem considerar as lacunas existentes, dentre elas: as condições trabalhistas, os fatores estruturais e as práticas formativas dos profissionais de educação no meio de um evento atípico que assolou o mundo todo repentinamente (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020, p. 29).

Os filhos dos professores também passaram a estar mais tempo em casa devido ao isolamento. Daí incita um questionamento pertinente: Como assumir as responsabilidades simultâneas de “ser professor” e “ser mãe/pai” de filho(s) que também estuda(m) na mesma casa, de modo remoto emergencial e comungam do mesmo horário?

Posto isto, outra preocupação que tem sido reforçada por especialistas da área é com o uso de telas pelas crianças, em tempo integral. Isso trouxe novas preocupações quanto aos problemas relacionados à visão, e concomitantemente, as brincadeiras presenciais (como jogar bola, andar de bicicleta, brincar de pega-pega etc.) foram cada vez mais substituídas por jogos eletrônicos, desenhos animados, vídeos e uso intenso e descontrolado de aplicativos.

Encontramos diversos trabalhos que discutem sobre esses aspectos relacionados à visão, como o de Enthoven *et al.* (2020) que versa sobre os impactos do uso do computador no desenvolvimento da miopia na infância; ou o de You *et al.* (2016) no qual os pesquisadores abordaram sobre as mudanças míopes e os comportamentos observados em estudantes do distrito de Jiading de Xangai, durante um ano de acompanhamento.

Mas, é interessante esclarecer que embora muitos estudos envolvam discussões sobre o entrecruzamento entre o uso de telas de aparelho eletrônico e a progressão de miopia, há limitações de algumas análises de dados. Assim, embora seja de conhecimento que o uso de computadores e outros dispositivos eletrônicos seja prejudicial à visão, é sugestivo que se busque mais estudos nos quais apresentem como se dá a evolução da miopia e se é exclusiva do uso desses aparelhos (cf. GOMES *et al.*, 2020, p. 353).

4 Segundo o Ministério da Saúde, os principais sintomas associados à Síndrome de Burnout são: “exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade” (BRASIL, 2021b, p. 1).

Não somente as crianças foram afetadas, mas também os adolescentes. E para alguns deles que tinham uma vida social mais interativa a pandemia trouxe o afastamento dos amigos e dos colegas, o que comprometeu significativamente sua relação com si próprios, com os outros e com o mundo, como se estivessem desamparados. E como recurso principal, encontraram nas “telas” o substituto da presença do “outro” por tempo (in)determinado. Em estudos, como o de Boers *et al.* (2019) sobre o uso ampliado do “tempo de tela”⁵ (uso de videogame, computador, televisão, mídia social) é reforçado que as repercussões podem ser bastante danosas à saúde, desde o sedentarismo até o aumento de sintomas depressivos.

Além desses, os adultos passaram a se comunicar cada vez mais pelos seus aparelhos celulares e até os eventos familiares foram mediados pelo uso de aplicativos interativos. Casais dentro de uma mesma casa estabeleceram uma comunicação conjugal por redes sociais. Alguns deles estiveram em trabalhos realizados remotamente, dentro de seus lares. Assim, em cada quarto um se alojava, para não atrapalhar as reuniões profissionais, as aulas e os tantos compromissos por videoconferência. Embora ambos estivessem tão perto um do outro, estavam tão distantes na relação. A justificativa que se vê, dado ao contexto vivenciado, foram os efeitos dos encontros *on-line*, os quais lhes trouxeram sobrecarga e estresse maiores que períodos anteriores à pandemia. Assim, nem todos os casais seguiram harmonicamente em seus lares.

Os aniversários, as festas, os casamentos, os chás de bebês, os cultos, as formaturas, os churrascos, os voos e os encontros precisaram ser adiados, ou mesmo, cancelados. A palavra de ordem e prioridade era a “saúde”. Pelo menos esse era o propósito de manter todos “seguros”. Mesmo assim, no cenário pandêmico, diferentes pessoas estiveram afetadas de maneiras variadas. Para quem realizou o teste (rápido ou PCR) para COVID-19, mesmo com resultado positivo, algumas pessoas se mantiveram assintomáticas.

Mas, outros adoecimentos também aconteceram, podendo estar associados a outras causas e determinantes sociais, como os casos de sofrimento psicológico, os sintomas psíquicos, os episódios psicóticos etc. As situações mais extremas podem envolver tentativas de suicídios⁶ ou suicídios⁷. Registra-se, que no primeiro ano de pandemia⁸, não houve um crescimento exponencial permanente de notificações de suicídio, considerando que “os números de indivíduos acometidos tiveram até uma ligeira subida no início da crise, mas depois eles se mantiveram estáveis dali em diante” (BIERNATH, 2021, p. 1). Na verdade, ressaltamos, que a etiologia em saúde mental é sempre múltipla.

Já os casos de violência doméstica e familiar tiveram um aumento expressivo no período de pandemia, após a maior convivência intrafamiliar, em que as mulheres passaram a conviver, muitas vezes, com seus agressores 24 horas por dia.

Estima-se que as denúncias envolvendo violência doméstica tenham aumentado em até 50%, conforme consta nas *Dicas de Saúde Mental – GESM*. Por isso, novas políticas com o tema da violência foram legitimadas no Brasil a fim de promover maior conscientização e orientação sobre o enfrentamento à violência doméstica (cf. MENDES; SILVA, 2020, p. 1). Como uma das estratégias adotadas no atendimento às mulheres em situação de violência, divulgadas pelas mídias digitais, nota-se em evidência que “no estado

5 Traduzido do inglês “time screen”.

6 De acordo com a Cartilha intitulada Suicídio na Pandemia Covid-19, organizada pelo Ministério da Saúde, Brasil (2020, p. 2): “No que concerne o comportamento suicida, tem-se um continuum de autoagressões que envolve ideação, ameaças, tentativas e atos suicidas”. Um desfecho provável, seria então, o suicídio.

7 Em um estudo realizado em 16 países de renda alta e 05 de renda média alta, foi percebido que o número de suicídios durante os primeiros meses de pandemia (de 1º de abril a 31 de julho, 2020, na análise primária) resultou que: “As taxas (RRs) e 95% de IC com base nos números observados versus esperados de suicídios não mostraram evidência de aumento significativo do risco de suicídio desde que a pandemia começou em qualquer país ou área” (PIRKIS, 2021, p. 582-583, tradução nossa). Mas, no referido levantamento, não foi possível averiguar a situação de países de rendas média e baixa, destacando também que “precisamos permanecer vigilantes e estar preparados para responder se a situação mudar à medida que a saúde mental e os efeitos econômicos da pandemia se desenrolam” (PIRKIS, 2021, p. 579, tradução nossa).

8 Os jovens e adolescentes são os mais impactados na pandemia. Em um levantamento feito pela Secretaria de Estado de Saúde, no Rio de Janeiro, para avaliar os impactos nesse público no período desta pandemia causada pela COVID-19, vemos sobre as incidências de autoviolência: “No biênio 2019 e 2020, a maior vulnerabilidade está nas faixas etárias de 20 a 39 anos e 15 a 19 anos, respectivamente. Os primeiros figuram em 45% das notificações de violência autoprovocada, enquanto os segundos são responsáveis por 22% delas” (cf. Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro, 2021, p. 1).

da Bahia (BA), houve prorrogação das medidas protetivas de urgência às mulheres em situação de violência, implementadas no período anterior à pandemia e que se encontravam em andamento no período do isolamento social” (FORNARI *et al.*, 2021, p. 4).

Cada um buscou se adaptar às regras de distanciamento físico como pôde. Profissionais da linha de frente totalmente afetados tiveram que seguir suas atividades essenciais, a fim de assistirem as pessoas adoecidas e contaminadas pelo vírus. Por isso, eles padeceram diretamente com o medo, as maiores probabilidades de contaminação e o afastamento da família em tempo integral. A cada despedida para ir ao trabalho poderia ser o último adeus. Assim, de modo geral, apresentamos alguns aspectos do contexto pandêmico frente à COVID-19, no período compreendido entre março de 2020 a março de 2022.

3. Educação durante a pandemia

3.1. Alguns desafios

Feitos estes levantamentos acerca das fragilidades na área da “saúde”, um direito fundamental de todo indivíduo, passaremos, pois, para outro direito fundamental: a “educação”.

Primeiramente, gostaríamos de registrar o nosso reconhecimento que estudar/ensinar em um contexto pandêmico foi e tem sido um grande desafio para todos os envolvidos neste processo. Os trabalhos em grupos, as leituras compartilhadas, os horários de aulas e do lanche, os deveres para casa e os relacionamentos interpessoais foram bastante afetados.

Para aqueles(as) que tinham um local apropriado e tranquilo, além de um celular, um computador, um *notebook* ou outro equipamento que pudesse receber a sala de aula virtual, já foi bem desafiador por conta de vários fatores, como: a instabilidade da conexão com a Internet, as diferenças drásticas entre o ensino presencial e o ensino remoto emergencial, a timidez de alguns estudantes frente às câmeras também influenciou e limitou a participação nas aulas etc.

E para quem não possuía qualquer um desses recursos com Internet, sofreu mais os impactos, pois acabaram desassistidos. As pessoas mais fragilizadas frente a esse panorama, mais uma vez, foram as minorias sociais: os alunos e as alunas residentes na zona rural, em assentamentos e nos bairros periféricos e outros mais de baixa renda.

De acordo com dados da PNAD (cf. IBGE, 2020, p. 6), que representam o ano de 2018, observou-se que 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à Internet, ou seja, são 15 milhões de casas que não gozam de tal privilégio, o que reafirma as disparidades sociais; outro dado é que em 79,1% dos domicílios com acesso à Internet, destes, em 99,2% o aparelho celular é o principal recurso para se conectar, porém, há muitas outras famílias que carecem de um celular ou compartilham um único equipamento entre os membros da casa.

Outra informação é a respeito dos motivos que mais se destacaram para a não utilização da Internet em domicílios localizados na área rural. Os motivos variam: i) 20,8% dos domicílios não usam o serviço de acesso à Internet porque ele está indisponível na área; ii) falta de interesse em acessar a Internet; iii) o serviço de acesso à Internet é caro; iv) nenhum residente na casa sabe usar a Internet (cf. IBGE, 2020, p. 7).

As desigualdades de oportunidades não param por aí: Muitos alunos com deficiência que têm especificidades sentiram as limitações de um novo modelo de ensino que não lhes acolhiam, ficando excluídos em muitos contextos educacionais. O *Atendimento Educacional Especializado* (AEE) e suas *Salas de Recursos Multifuncionais* não foram poupados, por este motivo, como esclarece Filho (2005, p. 114) “[...] fica difícil falar em uma “educação inclusiva” sem uma crítica e uma transformação radical deste modelo padronizante,

o qual não suporta as diferenças". Ser "diferente" é estar fora da bolha que se divide em dois grupos: um grupo constituído daqueles que, por estarem em condição majoritária, são enquadrados como "normais", e outro grupo com os demais que apresentam "diferenças", e por isso, são excluídos.

Por tudo que foi exposto, de modo geral, a rotina das famílias em suas casas mudou. Elas também não tinham se preparado para terem a escola dentro do lar. A exemplo disso, houve casos de familiares, vestidos com suas roupas íntimas, que passaram por trás da câmera do aparelho celular do discente e a sala de aula se tornou um espaço bem diferente e inusitado. Infelizmente, nem todos os alunos conseguiram um local em sua residência que fosse apropriado para estudar. E isso prejudicou na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

A privacidade e a individualidade deram espaço para o "coletivo". Avós, avôs, mães, pais, tias, tios e tantos outros estiveram presentes em salas de aulas virtuais de seus netos(as), filhos(as), sobrinhos(as) etc., que até então não eram abertas para tantos atores. Os professores encararam uma outra sala e questões que eram tratadas no privado, entre eles e os responsáveis pelos discentes, passaram a ser discutidas no meio da aula.

Outro desafio para o corpo docente foi conseguir chamar a atenção de um público que nem mesmo ligava suas câmeras durante as aulas. Às vezes a sensação de dar aula por uma plataforma digital, quando os estudantes não ligam suas câmeras, é como estar em uma sala vazia, sem espectadores, em um "monólogo" sem fim.

Nesse sentido, Bruno Coimbra, advogado e assessor jurídico da Associação Brasileira Mantenedora de Ensino Superior – ABMES explicou que nas rotinas dos processos de ensino e aprendizagem, a instituição de ensino é quem tem a competência para estabelecer quais são as obrigações dos discentes para o bom desenvolvimento das atividades, por isso: "Se ligar a câmera é essencial para o desenvolvimento daquela atividade na aula online, o aluno deve sim atender à solicitação do professor e fazer conforme determinado" (cf. OLIVEIRA, 2021, p. 1).

Por outro lado, para Renata Abalém, advogada e presidente da Comissão de Defesa do Consumidor da OAB/Goiás fez algumas ressalvas em relação à prerrogativa da escola obrigar o aluno a abrir a câmera do celular durante a aula. Para ela, isso pode ser considerado como invasão de privacidade, mesmo em casos em que o professor queira confirmar se o estudante está com algum acompanhamento durante uma prova: "Nesse momento em que as famílias estão em casa, não é uma invasão somente na privacidade do aluno, mas é uma invasão da privacidade do lar e dos demais familiares" (cf. OLIVEIRA, 2021, p. 1).

Enfim, ensinar, neste modelo de ensino que foi abruptamente adaptado para a nova realidade, nem sempre foi tão agradável como estar presencialmente em uma sala de aula. Muitos foram os desafios superados, no entanto, entendemos a necessidade de se discutir sobre as práticas pedagógicas e ferramentas utilizadas neste processo para conhecer seu (in)sucesso.

4. Diário de bordo

Como atividade curricular obrigatória à integralização do curso de doutorado, o estágio de *Tirocínio Docente* (60 horas/aula) compreendeu a participação no *Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica* – GEPES, além da observação e auxílio na prática docente ao longo da disciplina de *Introdução aos Estudos de Significação*, a qual visa apresentar e discutir, em nível introdutório, aspectos dos estudos da significação. Isso, partindo da apresentação de conceitos fundamentais de teorias semânticas como: *Semântica Formal*, *Semântica Enunciativa* e *Semântica Argumentativa*, e de noções básicas de *Pragmática*.

A disciplina foi ofertada para a turma de V semestre do curso de graduação em Letras Vernáculas, da

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. E as aulas aconteceram de 18 de março a 29 de junho de 2021, nas terças-feiras, das 13h às 14h40, e nas quintas-feiras, das 14h40 às 16h20, em uma sala de aula virtual acessada pelo *Google Meet* e na plataforma *Google Classroom*.

O Estágio Docente no Ensino Superior foi exercido sob a regência do professor e envolveu o planejamento, a organização e o desenvolvimento de atividades de acompanhamento docente, as quais consistiram em exercícios, preleções, orientação de grupos de discentes, bem como trabalhos similares. Atrelado a isso, também houve a participação ativa no *Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica* – GEPES, bem como a elaboração de textos com publicação em anais de eventos, revistas científicas e livro.

Em suma, as atividades desenvolvidas no *Tirocínio Docente* foram essenciais para fomentar o diálogo entre a pesquisa, a pós-graduação e a graduação, pois como Paulo Freire afirmava, ensino e pesquisa precisam estar imbricados, afinal, um não pode ocorrer na ausência do outro (cf. FREIRE, 1996, p. 32).

4.1. Algumas possibilidades com o uso de TDIC

A partir da realização do *Tirocínio Docente I*, pudemos proceder com a observação do processo de planejamento de aulas, da seleção e do preparo de conteúdos a serem trabalhados e a escolha dos recursos mais adequados para o uso na sala de aula virtual. A manutenção das atividades do tirocínio somente foi possível pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC. Muitas tensões e desafios se deram na interação entre professor-aluno no uso das plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, porque até então eram ferramentas utilizadas de praxe pelo Ensino a Distância (EAD) (cf. SANTANA; SALES, 2020, p. 77), ou seja, por um modelo de ensino que foi preparado para lidar de forma remota e *on-line*.

De certo modo, o ensino remoto emergencial transferiu o que já era realizado na sala de aula física (aula presencial) para uma aula virtual. Mas, ao fazer esta mudança repentina, privilegiou-se o uso de sistema de *webconferência*, com foco na informação transmitida e mediada pelo uso de tecnologias: “[...] a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações” (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 9).

Não é de agora que muito se fala a respeito do potencial das tecnologias da informação e comunicação, entretanto, Pretto ao tratar sobre as TIC considerou, na época, que “[...] os desafios para a área não são pequenos e não nos permitem escolhas maniqueístas tipo ou isto ou aquilo” (PRETTO, 2006, p. 25).

Vimos também que a disciplina de *Introdução aos Estudos de Significação* consiste em estudar o significado, fazendo uso da leitura e de discussões pautadas sobre os estudos de teorias semânticas. Assim, não é tão fácil abordar temas tão complexos para os alunos da graduação, de maneira remota, pois exige uma leitura prévia dos textos e de uma participação assídua na sala de aula. E pelo fato de os encontros terem acontecido de modo virtual, verificamos que embora as interações ocorressem, em alguns momentos elas se deram muito timidamente.

Outro recurso importante para esta estagiária foi o *WhatsApp*, pois nele foi criado o grupo chamado de “Diário de Bordo” para manter os registros sobre todos os passos do estágio, como as observações feitas nos encontros de planejamento ou a cada aula que acontecia.

Além do exposto, percebemos que as aulas vão além da mera exposição, pois o professor acaba adotando recursos para que os discentes aliem a teoria à prática, por isso, muito se utilizou também de exercícios práticos, construção de análises e discussões dirigidas.

Um dos recursos que apresentou bom funcionamento nas aulas foi o recurso multimídia nas plataformas digitais. Recorremos ao seu uso, na exibição de *slides* de alguns memes que viralizaram nas redes

sociais e de outros textos que serviram como propostas de análises na sala de aula virtual. Deste modo, a proposta consistiu na observação e análises textuais, identificando neles o fenômeno de ambiguidade semântica. Portanto, esta experiência permitiu consolidar o conhecimento teórico na prática.

Percebemos, portanto, que as TDIC são muito favoráveis nas aulas e corroboram para construir um ensino em uma relação participativa entre professor, estagiários e estudantes, mas vale lembrar da “[...] importância da formação continuada do professor voltada para a utilização das TDIC na prática pedagógica” (PRADO; ROCHA, 2018, p. 150), pois nem todos têm o domínio do uso dessas tecnologias, assim, acaba desprezando-as por falta de conhecimento.

Quase tudo transcorreu dentro do planejamento inicial estabelecido, fazendo apenas alguns pequenos ajustes devido às necessidades que foram surgindo durante as aulas. Como por exemplo, houve uma situação em uma aula que os estudantes ficaram com muitas dúvidas sobre os conteúdos trabalhados, por isso, o professor da disciplina e as duas estagiárias da turma do V semestre do curso de Letras Vernáculas, juntamente com mais outros dois estagiários da turma do V semestre da graduação de Letras Modernas, realizaram um plantão *on-line* no período de uma tarde, para dirimir dúvidas dos discentes das duas turmas, o que foi bastante positivo.

Algumas atividades foram direcionadas para o estudo em casa, por isso, os discentes eram orientados a assistirem determinados vídeos, com trechos de músicas e filmes, como longas ou curtas metragens ou animações, tais como: Pink Floyd - *Time* (1974), Zeca Baleiro - *Funk da Lama* (Clipe Calma Aí, Coração), Pink Floyd - *Another Brick In The Wall*; Busca pela Felicidade; Um Cão Andaluz, *Waking Life* – Formigas; Os Melhores do Mundo - Sequestrador (Pleonasmo), os quais foram indicados e postados no ambiente do *Google Classroom*, o que resultou em debates bastante relevantes sobre a construção e o funcionamento de sentido(s).

O acesso às tecnologias, de modo geral, contribuiu para uma boa dinâmica das aulas, o que Valente (2013, p. 42) reforça sobre os “[...] aspectos inovadores relacionados ao uso das TDIC na educação”.

Sendo assim, o *Google Classroom* foi uma ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem, bem como a ferramenta de *webconferência Google Meet*, pelo qual as aulas se deram normalmente sem tantas dificuldades técnicas no formato de videoconferência, cujas aulas eram gravadas e disponibilizadas no *classroom*. Isso facilitou para quem não esteve presente em alguma aula, por alguma impossibilidade. Mas, cabe salientar, que um número bem reduzido de discentes não teve tanta afinidade como as plataformas digitais. E não houve casos de alunos(as) matriculados(as) na disciplina que não tiveram acesso à Internet, mas verificamos que às vezes a conexão estava instável e prejudicava o andamento da aula, sendo até remarcada; ou aconteceu da necessidade de se criar outro *link* para acesso à nova sala de aula virtual.

5. Considerações finais

Com a vivência que se deu no decorrer do primeiro semestre letivo de 2021, em atividades disciplinares de um curso de Doutorado em Linguística, de uma IES baiana, nas aulas de *Introdução aos Estudos da Significação*, ofertadas para o V semestre do curso de graduação em Letras Vernáculas, como vimos, o estágio supervisionado foi desenvolvido em um período marcado pela pandemia associada à COVID-19 e frente às medidas protetivas que foram adotadas no processo de distanciamento físico, por isso, todo o processo de formação se deu subitamente, de forma remota e *on-line*.

Dessa forma, mesmo em um cenário de pandemia, a experiência da prática pedagógica permitiu o compartilhamento e a troca de conhecimentos entre professores e alunos, os quais precisaram se adaptar às mudanças impostas nas etapas de observação, de planejamento e da prática pedagógica durante o *Tirocínio Docente*, o que contribuiu para a adoção de métodos que não eram usados habitualmente quando as aulas aconteciam no modo presencial, a exemplo do uso de Tecnologias Digitais da Informação e

Comunicação, de plataformas virtuais e de redes sociais.

O período do estágio se mostrou também como um espaço de superação de alguns desafios, como o distanciamento físico entre aluno e professor; o aluno nem sempre contava com espaços adequados para o estudo remoto; o uso repentino de novas tecnologias). Apresentando, como soluções, o uso recorrente de *webconferências*; a disponibilização das gravações das aulas e de outros materiais didáticos na plataforma *Google Classroom*; e a criação do grupo “Diário de Bordo”, no *WhatsApp*, que contribuiu para registrar todas as etapas do estágio supervisionado. Foi um espaço de construção de conhecimentos muito relevantes para os pós-graduandos, neste processo de ensino e de aprendizagem, pois o estágio se apresenta como responsável para contribuir com o fazer profissional dos futuros professores, como destaca Carvalho (1985; 2001).

Por essa razão, com as adaptações feitas durante o planejamento das aulas, o professor buscou priorizar um ensino sem tantas perdas para os alunos, mas que todo este contexto não fosse um impedimento e sim uma oportunidade de alavancar o conhecimento teórico e prático. Assim, as ferramentas utilizadas se mostraram suficientes para o processo de ensino-aprendizagem, como a gravação de aulas, a interação *on-line*, a exibição de filmes, a apresentação de *slides* e a construção de atividades práticas.

Diante do exposto, o período de realização e desenvolvimento do estágio supervisionado foi muito significativo, porque alcançou a proposta de preparar os pós-graduandos para a docência, por meio da observação, do planejamento das intervenções didáticas, do acompanhamento na elaboração e aplicação de atividades avaliativas e, no encerramento, foi realizada a apresentação do projeto de pesquisa para os graduandos.

Em suma, mesmo com as incertezas do cenário, as práticas pedagógicas contribuíram para a culminância exitosa do referido estágio. Por meio da participação concomitante no GEPES – *Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica*, resultou também, na apresentação e publicação de trabalhos, aliando a experiência de tirocínio docente com pesquisas.

Biodados



XAVIER, M. B. é doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); tutora do curso de Especialização em Gestão Municipal - Pós-Graduação Ead em consonância com o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB/CAPES/MEC - bolsista CAPES); participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica (GEPES/UESB).

ORCID: 0000-0002-5585-712X

E-MAIL: bittencourt.marcelle@gmail.com



VENTURA, A. é professor titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras); doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); é um dos coordenadores do Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica (GEPES/UESB).

ORCID: 0000-0001-7521-3981

E-MAIL: adilson.ventura@gmail.com

Referências

- A ANDRADE, P. S. de; CARDOSO, T. A. O. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 129-140, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- BBC NEWS. **Atentados de 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21**. 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 07 nov. 2021.
- BIERNATH, A. **Lockdown causa depressão e suicídio? O que um ano de covid-19 nos revela sobre saúde mental**. BBC News Brasil, 27 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56491463>. Acesso em: 17 mar. 2022.
- BOERS, E. *et al.* Association of screen time and depression in adolescence. **JAMA Pediatrics**, v. 173, n. 9, p. 853-859, 2019. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2737909>. Acesso em: 06 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Novo coronavírus (covid-19): informações básicas**. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/novo-coronavirus-covid-19-informacoes-basicas/>. Acesso em: 09 jul. 2021a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é Síndrome de Burnout?** Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/sindrome-de-burnout#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20ou%20S%C3%ADndrome,justamente%20o%20excesso%20de%20trabalho>. Acesso em: 12 jul. 2021b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Suicídio na pandemia covid-19: saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19**. FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz, mai. 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf. Acesso em: 02 mar. 2022.
- BRASIL. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CARVALHO, A. M. P. de. **Prática de Ensino: Os Estágios na Formação do Professor**. São Paulo: Pioneira, 1985.
- CARVALHO, A. M. P. de. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: conceituação. In FREIRE, Ana Maria. **Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos**. Colóquio: Momento, Rio Grande, 20 (2): 67-79, 2011. 79 Modelos e Práticas de formação Inicial de Professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001.
- DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n2/a05.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.
- ENTHOVEN, C. A. *et al.* *The impact of computer use on myopia development in childhood: The generation R study*. **Prev Med**, mar. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31954142/>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- FIGUEIREDO, C. **Mundo ultrapassa seis milhões de mortes pela covid-19**. CNN, 07 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mundo-ultrapassa-seis-milhoes-de-mortes-pela-covid-19/>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- FILHO, T. A. G. Ambientes computacionais e telemáticos na educação de alunos com necessidades especiais. In: PRETTO, N. de L. (Org.). **Tecnologia e novas Educações**, Coleção educação, comunicação e tecnologias, v. 1, p. 106-126, Salvador/Bahia: EDUFBA, 2005.

- FORNARI, L. F. Violência doméstica contra a mulher na pandemia: estratégias de enfrentamento divulgadas pelas mídias digitais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 74, Suppl. 1, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gVWKQ6LYc6hffHxknL7QD3p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, A. C. *et al.* Miopia causada pelo uso de telas de aparelhos eletrônicos: uma revisão de literatura. **Rev Bras Oftalmol.**, 79 (5), p. 350-353, 2020.
- GOUVÊA, L. A. V. N. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, ed. 111, p. 206-219, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v40n111/0103-1104-sdeb-40-111-0206.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2018. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel para uso pessoal 2018**. IBGE, 2020, p. 1-12, ISBN 978-85-240-4527-1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf. Disponível em: 02 set. 2021.
- MENDES, A. M. S.; SILVA, E. G. da. **A violência doméstica em tempos de pandemia**. Dicas de saúde mental – GESM, p. 1-18. Distrito Federal: Gerência em Políticas Públicas e Gestão Governamental: mai. 2020. Disponível em: <https://www.sejus.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/01/violencia-domestica-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, p. 2-35, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- OLIVEIRA, Danielly. **O aluno é obrigado a ligar a câmera durante a aula online?** 23 jul. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/aluno-ligar-camera-aula-online/>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, aug. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3986851>. Acesso em: 01 out. 2021.
- PIRKIS, J. *et al.* **Suicide trends in the early months of the covid-19 pandemic: an interrupted time-series analysis of preliminary data from 21 countries**. **Lancet Psychiatry**, 8, p. 579-88, 13 abr. 2021. Disponível em: [extension://mbcgpelmjnpfbdnkbbedlfjmeckpnhha/enhanced-reader.html?openApp&pdf=https%3A%2F%2Fwww.thelancet.com%2Fpdfs%2Fjournals%2Fflanpsy%2FPIIS2215-0366\(21\)00091-2.pdf](https://www.thelancet.com/journal/S2215-0366(21)00091-2). Acesso em: 20 mar. 2022.
- PRADO, M. E. B. B.; ROCHA, A. K. de O. Formação continuada do professor no contexto da programação computacional. In: VALENTE, José Armando; FREIRE, Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis. (Orgs.). **Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir**. Campinas, SP: NIED/UNICAMP, 2018, p. 149-163.
- PRETTO, N.; PINTO, C. C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 19-30, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4vpwVbvgbkFRLRq4BPqzFH-f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.
- RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Saúde. **Secretaria de Saúde faz levantamento inédito sobre impacto da pandemia na saúde mental**. 09 set. 2021. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/noticias/2021/09/secretaria-de-saude-faz-levantamento-inedito-sobre-impacto-da-pandemia-na-saude-mental>. Acesso em: 22 mar. 2022.

- SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181?> Acesso em: 12 out. 2021.
- SILVA, R. S. S. da. Quarentena. In: Secretaria de Educação (Org.). Autores: Alunos do 6.º ao 9.º ano; Escola Municipal Professora Ilka Müller de Mello. Revisão: SOUZA; Roscler Castellain Andrade de; JÚNIOR, Volmar Adriano. **Poemas de Quarentena**. Santa Catarina: MEC/SED, ago. 2020.
- TOSTES, M. V. *et al.* Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42n116/0103-1104-sdeb-42-116-0087.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.
- VALENTE, J. A. As tecnologias e as verdadeiras inovações na educação. In: ALMEIDA, M. E. B.; DIAS, P.; SILVA, B. D. (Org.). **Cenários de inovação para a educação na sociedade digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- YOU, X. *et al.* Near work related behaviors associated with myopic shifts among primary school students in the Jiading district of Shanghai: a school-based one-year cohort study. **PLoS One**, mai. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27139017/>. Acesso em: 14 jul. 2021.